



Mensagem de António Lima Coelho

Camaradas,
Amigas e Amigos

No passado Sábado, 28 de Fevereiro, no Auditório do Centro Cultural Casapiano, proferi a minha última intervenção enquanto Presidente da Direcção da nossa associação representativa.

Naquela Cerimónia de Tomada de Posse dos novos Órgãos Sociais que irão dirigir os destinos da ANS no biénio 2015/2016, virou-se a página de um percurso de quinze anos.

Na impossibilidade de me dirigir pessoalmente a todos e a cada um de vós, venho por este meio endereçar o meu abraço àqueles que ao longo destes quinze anos mantiveram uma atitude de lealdade, frontalidade e coragem – na concordância e na discordância - e que permitiram que eu pudesse ter a elevada honra e a sentida responsabilidade de ser o rosto e a voz visível de um projecto em que acreditei, acredito e continuo a acreditar – a Associação Nacional de Sargentos.

Neste extenso e colectivo abraço quero referir os muitos dirigentes que conheci, com quem trabalhei e que me ajudaram a reforçar o cidadão atento e sensível às questões sociais que sempre procurei ser. Quero igualmente referir todos os delegados que tantas vezes incompreendidos, injustiçados e nem sempre devidamente reconhecidos, mas eivados de um grande espírito de missão, asseguraram e continuam a assegurar no terreno, por todo o país, a visibilidade e a missão associativa dos Sargentos. Quero naturalmente deixar uma palavra para todos os associados que, de uma forma mais anónima mas absolutamente fundamental, asseguram com a sua quotização e apoio a existência e sobrevivência desta trincheira de luta pelos direitos profissionais e sociais dos militares Sargentos e suas famílias.

Não posso, não quero, nem seria justo deixar de fazer uma particular e especial referência aos familiares dos dirigentes associativos que tantas vezes tiveram de lidar com a solidão face às ausências resultantes das necessárias deslocações pelo país ou pelas demoradas e por vezes

repetidas reuniões ou outras obrigações associativas. A sua compreensão e apoio demonstram claramente que detinham a consciência de que se estava a lutar pela defesa dos seus direitos sociais e assistenciais e pela construção de uma sociedade mais justa.

Finalmente, cabe igualmente fazer uma referência a todas as entidades institucionais, civis e militares, e a todas as organizações representativas de universos específicos, associações, sindicatos e afins, que ao longo destes quinze anos, com maior ou menor dificuldade, se relacionaram com as delegações de dirigentes associativos em reuniões de trabalho, nas áreas das suas competências específicas.

Foram quinze anos de muitos combates e resistência, tantas vezes enfrentando a incompreensão, a injustiça, a prepotência e o preconceito mas em que tantas outras vezes prevaleceram a justiça, a verdade e a razão face à recusa em capitular.

Foram quinze anos de muitas alegrias mas também de muitas tristezas. Contudo, não há dúvida alguma que as alegrias pelas vitórias alcançadas e pelos reconhecimentos expressos ultrapassam em muito, fazendo rapidamente desvalorizar, a dor das tristezas que infelizmente também aconteceram.

Foram quinze anos em que muita coisa foi feita, muitos projectos gizados e defendidos, mas em que, inevitavelmente tanta coisa ficou ainda por fazer.

Muito está por fazer, sem dúvida! Mas bem pior seria a nossa realidade se não tivéssemos optado por fazer muito daquilo que colectivamente fizemos.

Nesta mensagem quero endereçar ao meu Presidente, o meu camarada e amigo José Gonçalves, e por seu intermédio a todos os elementos dos Órgãos Sociais, a todos os delegados, a todos os associados e famílias o meu abraço de gratidão por tudo o que me ensinaram e a minha reiterada disponibilidade para continuar a servir esta causa tão linda dos Sargentos de Portugal.

Tenho a firme convicção que o meu Presidente, bem acompanhado pela equipa que o rodeia, saberá encontrar a melhor forma de usar os meus serviços, permitindo-me assim continuar a servir tão nobre causa.

Termino com uma palavra de estímulo e de reconhecimento para todos aqueles que de uma forma desinteressada e altruísta se disponibilizam a abraçar esta causa, dando-lhe corpo e força, assegurando a sua continuidade. Que nunca vacilem perante o medo das represálias ou do prejuízo na carreira. Viver dividido entre o sentido da missão cumprida e a consciência de ter abandonado a trincheira do combate não é compatível com quem serve causas tão nobres.

Independentemente daqueles com quem dialogamos, discutimos, debatemos, enfrentamos, trabalhamos, vale sempre a pena lutar por aquilo em que convictamente acreditamos. Iniciei o primeiro mandato de Presidente da Direcção como Primeiro-Sargento. Não foi por ter desempenhado este cargo durante os últimos quinze anos com tudo o que o mesmo implicou de exigência, firmeza e determinação, que me inibiu de ter atingido o posto cimeiro da classe de Sargentos. Embora nunca o tenha colocado como objectivo de uma vida, ainda que seja legítimo que todos a tal aspirem, foi com enorme orgulho e profunda honra que atingi o posto de Sargento-Mor!

“De nada vale tentar explicar que há gente que não age por puro egoísmo ou cálculo, mas por ter julgado encontrar uma maneira de se pôr ao serviço dos outros. – A.C.”

Um abraço

António Lima Coelho
Cidadão Português,
Militar,
Sargento das Forças Armadas,
Sócio da Associação Nacional de Sargentos